

ATUALIDADE DE WILLIAM BLAKE NA POESIA CONTEMPORÂNEA

Profa. Dra. Lucila Nogueira (UFPE)
Thiago Pininga (UFPE)

De William Blake (1757-1827) já se disse ser simultaneamente o último dos antigos e primeiros dos modernos. Místico, neoplatônico, cabalista, hermético, cristão e herético esse poeta inglês nos transmitiu uma visão ética do mundo a partir de sua experiência estética.

Sabe-se que os poetas foram considerados na idade antiga os primeiros legisladores ou profetas e esse imaginário poético vai estabelecer a união entre a realidade e a fábula, o fantástico na feição do sublime. Uma poética da decifração diante da esfinge em que o texto se permite desvendar o sentido subterrâneo de sua expressão, o jogo das imagens e dos símbolos que vão permitir a arte do inverossímil. A consagração do permanente antagonismo entre o bem e mal como condição de progressão leva ao entendimento de que esses contrários estão unidos, como desejou o místico sueco Swedenborg, Tendo em vista inclusive a correspondência das coisas do céu com as do homem e da terra, daí que os infernos estariam em distâncias diversas segundo sua oposição ao bem.

A voz do céu ou do inferno, da razão ou da Energia, vão formatar em William Blake, esse mundo bipolar entre o tigre e o cordeiro, entre a experiência e a inocência, entre a mente e a criação simétrica e enérgica junto da qual Blake preferia colocar-se irmanando-se com Cristo e Milton na luta do inferno contra um céu tirânico. Essa dialética vai renunciar ao cristianismo tradicional e a “queda” do paraíso vai corresponder à visão maniqueísta que separa o corpo da alma associando ao mal. Se é fato que a religião tem a pureza da poesia, por outro lado o que encontramos em Blake será o acordo do homem com seu próprio dilaceramento, o que chega a ultrapassar o mero discurso poético.

“Nada avança senão pelos contrários. A atração e a repulsão, a razão e a energia, o amor e o ódio são necessários à existência humana. Desses contrários nascem o que as Religiões chamam de Bem e Mal. O Bem é o passivo subordinado à razão. O Mal é o ativo que nasce da Energia. O Bem é o céu. O Mal é o inferno.”

Ao questionar a cosmogonia cristã, Blake vê o mundo que ele não atribui à bondade

divina mas a um demiurgo imperfeito, anjo caído por orgulho como Lúcifer, como Satanás. Daí a intervenção do Mal em seu espaço ontológico, metafísico, gnosiológico. Na verdade desde o período pré-socrático o início era um estado indistinto, havendo sido gerado o cosmos por separação dos contrários, a dialética dinâmica do universo. Foi o pitagorismo que veio acentuar a natureza dicotômica do universo que para uma reconciliação vai pressupor a coexistência das discordâncias e esta instância antitética acaba sendo condição necessária não só da gênese como também da evolução da História. William Blake irá aproximar-se do confronto entre a vontade divina e o orgulho humano, procurando avaliar a intervenção do Mal no processo cosmogônico. Essa visão neoplatônica tenta explicar a imperfeição do mundo criado, por esse estado de privação que atinge a matéria. Se o Mal é apenas uma categoria negativa, a teoria de inspiração gnóstica, retomada pelos cátaros e maniqueístas, afirma não ser a criação uma obra de Deus mas de uma entidade inferior, separada por um abismo do verdadeiro Deus.

Blake vai privilegiar o conteúdo vitalista da cosmovisão romântica e minimizando a importância da mitologia greco-latina passa a recuperar o imaginário popular medieval e a simbologia da tradição bíblica com o propósito de transmitir conteúdos de consciência, procurando seus próprios símbolos para transmitir a essência íntima da sua visão, sua leitura visionária do real. Revitalizando elementos da gnose, neoplatonismo e teosofia, Blake compõe vasto repertório de referentes culturais que inclui em seu discurso poético a partir de sua síntese criadora, ele entende que a vanguarda de seu tempo haveria de passar pela recuperação do imaginário mais antigo, relegado à penumbra pelas ortodoxias do racionalismo moderno.

Jacob Boehme também foi partidário do sentido positivo que pode ter o Mal, sendo considerado por alguns um precursor dessa linha a que pertence William Blake, Nietzsche, Dostoiévsky e Baudelaire. Sendo um dos grandes místicos cristãos, aproxima-se de Blake ao acreditar que o homem pode ser um gigante quando consiga integrar o céu e o inferno, o seu céu com seu inferno. Se, conforme Heidegger, ser homem é ser-no-mundo o corpo é quem o individualiza, daí sua reivindicação pelo pensamento existencialista. Místico, impressionável Boehme tinha um caráter peculiar e uma constituição psíquica que o levou a ter iluminações, visões interiores como os antigos profetas, sempre muito sensível ao poder evocativo das palavras. Possivelmente através de Valentine Weigel, travou contato com Paracelso adotando sua doutrina e defendendo a necessidade da treva para a chegada da luz: “nada sem oposição pode chegar a manifestar-se”. Se negamos a treva que somos,

para consideramos só a luz, fragmentamos a partícula que representamos; a compreensão da divindade se dá para além do bem e do mal, em seu movimento dos contrários.

Dizer que William Blake inventou sua própria religião é compreender que tenha criado um panteão próprio em seus livros proféticos, desconstruindo o cristianismo: satã é o messias e o diabo é o eterno deleite. Sim, a obra de Blake vai ser uma reação contra os dogmas das igrejas que também pregavam uma moral sexual submissa e também passiva de ante da injustiça social.

Então pode-se imaginar uma das características na poesia de Blake é sua capacidade desafiadora e desestabilizadora em que se vê a presença do sublime em uma era típica da sensibilidade. A verdade é que quando Blake vem a publicar (1793) “O Casamento do Céu e do Inferno” vamos estar diante de um conjunto de poemas, aforismos, parábolas e alegorias em que fica evidenciada uma preferência pela energia do inferno diante de uma bondade passiva condenando Blake qualquer restrição à liberdade tanto sexual como da imaginação. Pois se o Bem não existe sem o Mal, este é tão necessário quanto o primeiro, e em seus provérbios do inferno observa-se incluir tudo que é vivo no plano do sagrado.

Se a imaginação foi a primeira emanção da divindade, não haveria porque condenar a ideia romântica da religião da arte. Blake, visionário, caminha à vontade o território sobrenatural das profecias, onde estiveram Paracelso (14/09/1493 – 18/02/1541) e Nostradamus. No caso do primeiro, o texto acompanhado por gravuras, em número de trinta e duas figuras. Cabala e hermetismo seguem pelo tempo astronômico. Destacamos que as profecias de Paracelso são anteriores às Centúrias de Nostradamus, o que não implica em relação intertextual do primeiro com o segundo. No entanto, esse clima de beatitude e de entrega a esferas invisíveis irá ocupar a mente dos escritores no final do século XIX e início do século XX com a revalorização desse clima de sonhos e premonições ligado ao grito das vanguardas, trajetória que parte do simbolismo espiritualizado até o surrealismo da escrita automática.

A luz também se encontra no demônio e há quem diga que acreditar nisso é liberar-se de uma ética repressora e viver livremente, guiando-se pelas suas próprias regras, enfim o individuo sendo o seu próprio deus, uma vez que satã não seria um ente sobrenatural mas uma força do espírito humano: o mal seria uma força vital; satã, uma metáfora da última revelação. Satanista românticos foram Blake, Hollffman, Byron, Goethe, além dos posteriores Baudelaire e Lautreamont, imensa será a linha de poesia maldita que há de multiplicar-se e, diversos países e culturas.

Ernest Gengenbach desejava encontrar satã em um cabaré de Montmartre e há três de abril de 1927 chegou a fazer uma conferência sobre sua experiência demoníaca diante de uma plateia hostil, apresentado por Breton. Sim, o surrealismo combateu a religião cristã como uma rival perigosa especialmente na revista “A Revolução Surrealista” e passou a explorar o canto do inconsciente, o espetáculo interior do homem. Chegando a indagar se mesmo a memória não seria um produto da imaginação. O ditado do pensamento sem controle racional será expresso pelos surrealistas como automatismo psíquico puro, em sincronia com o acaso objetivo, o ocultismo, os mitos e os símbolos, busca do triunfo do sensível sobre o inteligível chegando a proclamar a legitimidade do delírio.

Alfred Maury, Hervey de Saint- Denys e Joseph Babinsky foram alguns dos profissionais consultados por André Breton quando estava pesquisando sobre o sonho na dúvida se ele seria um aviso divino ou apenas humano, na compreensão do valor de qualquer sonho e não apenas daqueles sobre que se supõe um valor premonitório. As alucinações sensoriais e a possibilidade do controle dos sonhos constituem em si um repertório na permanente exploração da poesia involuntária do mundo onírico.

William Blake é considerado precursor do surrealismo porque ousou romper com a tradição de sua época e como lembra Robert Bréchon essa vanguarda vai trazer de volta algo da atmosfera romântica, além da obsessão pelo oculto e da intuição mágica e poética. Não parece haver sentido em negar esse caráter do poeta inglês, pois um espírito meramente religioso não ousaria contestar a ortodoxia dos dogmas cristãos, sendo perfeitamente legítimo reconhecer no poeta londrino por seu visionarismo grande contribuição ao surrealismo de Breton, que no entanto não gostava de considerá-lo antecessor. O surrealismo expande-se na cultura inglesa graças a Breton que na guerra se refugia nos Estados Unidos.

A verdade é que ênfase dada a imagem por Blake reafirma-se na vanguarda surrealista que também resgata a importância de uma estética da imaginação voltada para um mundo de sonhos em que os signos seguem novos rituais de simbolização, em uma apologia do maravilhoso onde figuras insólitas e fortuitas sugerem concretizações enigmáticas, nebulosa em expansão da qual se origina a poesia.

O raio simbólico de Blake vai envolver na metade do século XX um grupo de poetas americanos, em sua maior parte filhos de imigrantes, entre eles Allen Ginsberg que desde muito jovem mostra-se impressionado com William Blake, que procurou gravar leituras de poemas e a quem dedicou o conhecido “Sutra do Girassol”. Trata-se a cultura americana de

um momento esgotado por duas guerras e a ascensão da burguesia, ocasionando um desprezo de valores convencionais e então surgiram os que se autodenominaram Beats, geralmente boêmios e, assim como os surrealistas, maltratados pela imprensa da época.

Esse grupo também cultivava viagens por vários lugares da Europa, havendo Ginsberg inclusive tido longa permanência em Paris; morou na Índia por mais de um ano havendo visitado o Vietnã e o Japão. Ginsberg observa a associação livre do surrealismo e de Kerouac, a quebra da sintaxe de Gertrude Stein, a colagem de Burroughs, o fluxo da consciência e o trabalho com os sons de Artaud e os sons tibetanos, donde se vê a afinidade mantida com os sistemas filosóficos e religiosos do oriente. Os poetas do grupo de São Francisco eram praticantes do Zen e estudavam a cultura japonesa, praticavam meditação rumo à experiência de iluminação, tão importante quanto sua iluminação auditiva de William Blake.

Esse orientalismo há de marcar a experiência místico- visionária de 1948 de Allen Ginsberg em seu apartamento no Harley que lia o poema Ha! Sun-Flower, quando, segundo seu tradutor brasileiro Claudio Willer ouviu a voz do próprio Blake recitando o poema, mais adiante em 1970 e em 1971, Ginsberg haveria de gravar dois álbuns pela MGM com poemas do poeta inglês precursor do surrealismo: “Cantos da Inocência e da Experiência”, sendo o segundo pela Fantasy-Galaxy.

Tanto a beatitude levaria o poeta a dizer em 1966 que estaria construindo um mantra da língua americana, declarando o fim da guerra; seguindo a linha da Yoga em alguma correntes do budismo, passou a dedicar-se a meditação tibetana ao mesmo tempo que viajava como animador cultural pelo resto do mundo. Sua primeiras leituras públicas na Europa estimularam a formação de grupos ligados a proposta de Beat Generation; depois de 1969 passou a se apresentar com músicos como Bob Dylan e Mick Jagger. Escreveu também poemas políticos como “Morte a orelha de Van Gogh” em que é visível a intertextualidade com William Blake de “América”, “Europa”, e “Visões das Filhas de Albion”, onde também são criticadas a ganância capitalista e as formas totalitárias e burocráticas de Estado enquanto são defendidas a rebelião romântica e a voz profética dos poetas.

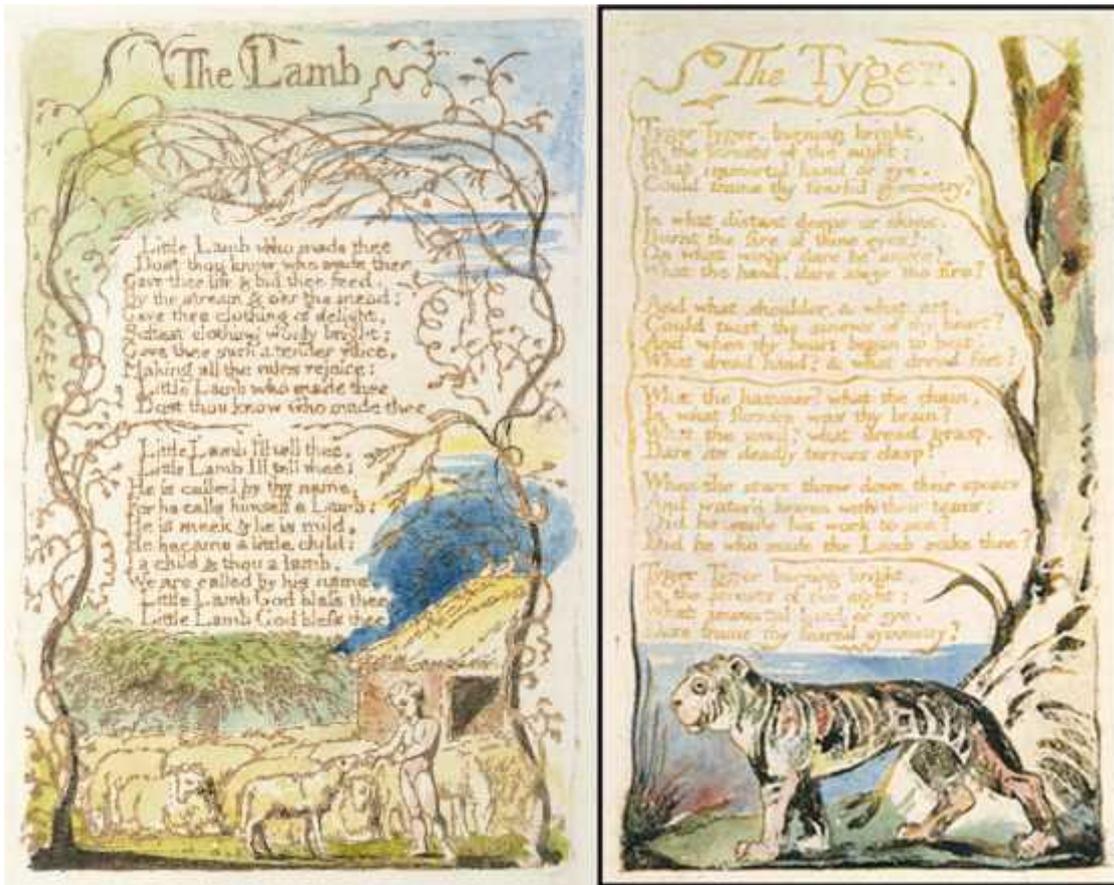
O que se evidencia é que a trilha poética inaugurada por William Blake e continuada por Ginsberg vem, como observa Claudio Willer no prefácio a sua tradução do poeta americano vem propor uma nova religião, no sentido original da palavra religar, reestabelecer a unidade. Nesse ponto de vista Blake teria sido um representante do que

Norman Brown chama de misticismo do corpo como já observamos na leitura do “Casamento do Céu e do Inverno” onde inclusive se diz que o “caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria”, máxima que será ilustrada com perfeição pela biografia de Allen Ginsberg, que passou por dificuldades, hospícios e prisões, defrontando-se em sua busca de iluminação com também visões monstruosas e alucinações.

ANEXO

Allen Ginsberg, Uivo, parte I.

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome,
histéricos, nus,
arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de
qualquer coisa, hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial
com o dínamo estrelado na maquinaria da noite,
que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural
escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos
das cidades contemplando jazz,
que desnudaram seus cérebros ao céu sob o Elevado e viram anjos maometanos
cambaleando iluminados nos telhados das casas de cômodos,
que passaram por universidades com olhos frios e radiantes alucinando Arkansas e
tragédias à luz de Blake entre os estudiosos da guerra,
que foram expulsos das universidades por serem loucos & publicarem odes obscenas nas
janelas do crânio (...).



Willian Blake, O Cordeiro.

Cordeirinho, quem te fez?
Tu não sabes quem te fez?
Deu-te vida e esse relvado
Junto aos arroios do prado?
Deu-te a lá clara e macia
Do manto que delicia?
Deu-te uma voz tão doce
A alegrar todos os vales?
Cordeirinho, quem te fez?
Tu não sabes quem te fez?

Cordeirinho, vou dizer-te.
Cordeirinho vou dizer-te.

Teu próprio nome o proclama,
Pois cordeiro ele se chama.
É figura meiga e mansa,
Que também se fez criança.
Tu, cordeirinho, e eu menino,
Temos seu nome divino.
Cordeiro, Deus te abençoe.
Cordeiro, Deus te abençoe.

Trad. Paulo Vizioli.

William Blake, O Tigre.

Tigre! Tigre! Brilhando aceso
Em meio às selvas noturnas,
Que mão imortal, que olho eterno
Moldaram-te a terrível simetria?

Em que abismo ou céus longínquos
Luziu de teu olhar a fornalha?
Em que asas ousou o fogo alçar-te?
Que mão se atreveu a domar a chama?

Que ombro e que arte puderam
De teu coração as fibras trançar?
E, quando ele começou a pulsar,
Que mão, que pés espantosos?

Onde o martelo? Onde a cadeia?
Em que oficina teu cérebro esteve?
E a bigorna? Que poderoso punho
Ousou-te a força aprisionar?

Quando dardejavam as estrelas,
Das lágrimas banhando s céus,
Sorriu o Criador ao sua obra ver?
Quem fez manso o Cordeiro, terrível te fez?

Tigre! Tigre! Brilhando aceso
Em meio às selvas noturnas,
Quem mão imortal, que olho eterno
Moldaram-te a terrível simetria?

Trad. Antonio de Campos.

Referências:

- 1- Alexandrina, Sarane. **Le surrealisme et le rêve**. Paris, 1974, Gallimard
- 2- Almeria, Luis Belhan y Rodrigues Garcia, José Luis (coord.) **Simbolismo y Hermetismo**. Zaragoza, 2007, Prensas universitárias de Zaragoza.
- 3- Balakian, Anna. **Surrealism, The roas to the absolute**. Chicago, 1986, University of Chicago Press.
- 4- Bataille, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre, 1986, L&PM
- 5- Berranger, Marie Paule. **Le surrealisme**. Paris, 1997, Hachelle.
- 6- Blake, William. **Visioni**, Milão, 1965, Arnoldo Mandadori (Bilíngue).
- 7- _____. **Canções da inocência e da experiência**. Trad. Antonio de Campos), Recife, 1987, Bagaço.
- 8- _____. **Poesia e Prosa Seleccionadas**. (Trad. Paulo Vizioli). São Paulo, 1984, Y.C.Ismael (Bilíngue)
- 9- _____. **Escritos**. (Trad. Alberto Marcicano e Regina de Barros Carvalho). Porto Alegre, 1984, L&PM.
- 10- _____. **A união do céu e do inferno**. (Trad. João Ferreira Duarte). Lisboa, 1991, Relógio D` água.

- 11- _____. **Primeiro livro de Urizen** (Trad. João Almeida Flor), Lisboa, 1983, Assírio e Alvim (bilíngue).
- 12- _____. **Jerusalém**. (Trad. Saulo Alencastre). São Paulo, 2010, Hedra.
- 13- _____. **Visões das filas de Albion**. (Trad. Mácio Simões). Natal, 2012, Sol Negro.
- 14- Boehme, Jacob. **Confisiones**. Buenos Aires, 1971, Adicional Kier.
- 15- Bousôno, Carlos. **Surrealismo poético y simbolización**. Madrid, 1979, Gredos.
- 16- Cardoso dos Santos, Alcides. **Visões de William Blake**, Campinas, 2009, Editora da Unicamp.
- 17- Frye, Northrop. **Fábulas de Identidade**. São Paulo, 2000, Nova Alexandria.
- 18- Ginsberg Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. (Trad. Cláudio Willer) Porto Alegre, 1984, L&PM)
- 19- Lemeitre, Henri. **William Blake: vision et poésie**. Paris, 1985, librairie José Corti.
- 20- Paracelso, (Theofrast von Hohenheim). **Profecias**. Porto Alegre, 1990, Rigel.
- 21- Queiroz, Maria José de. **A literatura alucinada**, Rio de Janeiro, 1990, Atheneu.
- 22- Saint- Jean-Pualin, Cristiane. **La Coudreulcure**, Paris, 1997, Anherent.
- 23- Singer, Jame K. **The Unholy Bible**. New York, 1970, C.Y. Yung Foundation.
- 24- Swedenborg, Emanuel. **O céu e o Inferno**. São Paulo, 2004, RG edições/ edições das paulinas celestes para a nova jerusalem.
- 25- Willer, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre, 2009, L&PM.